



Memória e resistência de sujeitos surdos: uma análise discursiva da programação da TV INES

Memory and resistance of deaf subjects: a discursive analysis of TV INES programming

Matheus Batista Barboza Coimbra

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Poços de Caldas/MG - Brasil

Élcio Aloisio Fragoso

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
Porto Velho/RO - Brasil

Lara Ferreira dos Santos

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
São Carlos/SP - Brasil

Resumo

A TV INES, web TV criada em 2013, oferecia conteúdos educativos e culturais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) com o intuito de promover uma TV acessível a pessoas surdas. Este artigo tem como objetivo analisar discursivamente parte de sua programação, mais especificamente, o programa "Café com Pimenta". Foram selecionadas como *corpus* as entrevistas realizadas com surdos, a fim de compreender o funcionamento de uma memória discursiva desses sujeitos. Adotamos como dispositivo teórico-metodológico a Análise de Discurso materialista teorizada por Pêcheux e Orlandi. As análises explicitam que, embora a surdez tenha sido historicamente representada como uma incapacidade, o programa (re)produz sentidos e, ainda, promove deslocamentos discursivos, possibilitando a emergência de uma identidade surda de resistência, que valoriza a cultura, a língua e a experiência visual.

Palavras-chave: Discurso televisivo; Sujeitos Surdos; Análise de Discurso.

Abstract: TV INES, a web TV created in 2013, offered educational and cultural content in Brazilian Sign Language (Libras) in order to promote accessible TV for deaf people. This article aims to discursively analyze part of its programming, specifically the "Café com Pimenta" program. The corpus consists of interviews conducted with deaf individuals to understand the functioning of these subjects' discursive memory. As a theoretical-methodological approach, we adopt materialist Discourse Analysis theorized by Pêcheux and Orlandi. The analyses show that, although deafness has historically been represented as a disability, the program (re)produces meanings and also promotes discursive shifts, enabling the emergence of a resistant deaf identity, which values culture, language and visual experience.

Keywords: Television discourse; Deaf subjects; Discourse analysis.

Introdução

A TV INES foi uma web TV instituída em 24 de abril de 2013, resultado de uma colaboração entre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a Associação de Comunicação Educativa Fundação Roquette Pinto (Acerp). Seu propósito era proporcionar acesso a conteúdos educativos, informativos e culturais adaptados para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), voltados ao público de pessoas surdas. Toda a programação da emissora era bilíngue, contando com legendas e narração em Língua Portuguesa. Em março de 2021, a sua transmissão foi encerrada.

Compreendemos que se trata de uma proposta pioneira, visto que, até a criação da TV INES, pouquíssimos meios de comunicação ofertavam uma gama de informações e opções às comunidades surdas de maneira acessível; assim, as pessoas surdas ficavam sujeitas apenas à programação aberta da TV ou aos canais pagos, cuja acessibilidade se dava, prioritariamente, por meio da legenda em português escrito. Essa iniciativa de desenvolver uma TV acessível para surdos insere-se no conjunto de lutas históricas pelos direitos de grupos minoritários, devidamente assegurados pela legislação brasileira (Brasil, 2002; Brasil, 2005; Brasil, 2015).

A relevância deste estudo se justifica pela carência de pesquisas que analisem, a partir da perspectiva da Análise de Discurso materialista, como sujeitos surdos significam a si mesmos em espaços midiáticos, especialmente em programas produzidos por e para a comunidade surda, como é o caso da TV INES. Ainda são poucos os trabalhos que examinam o modo como discursos produzidos por sujeitos surdos atualizam, tensionam ou deslocam memórias discursivas historicamente constituídas sobre a surdez, as quais são, frequentemente, marcadas por sentidos de incapacidade (Baalbaki; Anachoreta, 2021; Coimbra; Fragoso, 2024). Assim, ao analisar entrevistas realizadas com surdos no programa Café com Pimenta, esta pesquisa busca preencher essa lacuna ao evidenciar o funcionamento de um já-dito que atravessa seus discursos, contribuindo para compreender como esses sujeitos negociam sentidos, produzem imagens de si e deslocam discursos que circulam socialmente.

Neste artigo, temos como objetivo analisar discursivamente parte da programação da TV INES, mais especificamente, o programa intitulado Café com Pimenta. Esse programa aborda entrevista com pessoas surdas e ouvintes, trazendo para a discussão temáticas diversas, principalmente, voltadas à comunidade surda. Foram selecionadas como *corpus* onze entrevistas realizadas com surdos, a fim de compreender o funcionamento de uma

memória discursiva desses sujeitos. Os recortes foram analisados por meio da teoria da Análise de Discurso materialista, a qual foi postulada por Michel Pêcheux, na França, e por Eni Orlandi, no Brasil.

Discurso televisivo

A iniciativa da criação de uma TV acessível para surdos é algo ainda recente no Brasil. No entanto, a TV para o público em geral possui um longo histórico no cenário brasileiro. Sua transmissão no Brasil teve início em 18 de setembro de 1950, marcando a combinação de imagem e som, o que despertou o interesse da população por essa nova tecnologia (Dela-Silva, 2011). Discutindo sobre isso, Orlandi ressalta:

O mais espetacular deles [os meios televisivos] é o seu alcance, isto é, a possibilidade de atingir instantaneamente milhões de espectadores. Ou seja, o que impressiona é sua capacidade de circulação em meio a uma grande massa heterogênea de sujeitos (Orlandi, 2012, p. 179).

Nessa perspectiva, a TV produz deslocamentos na forma em que os discursos chegam aos sujeitos, ou seja, na forma de circulação dos discursos. Assim, um discurso, dito apenas uma vez e em um local distante, passa a ter a capacidade de atingir uma grande massa de sujeitos heterogêneos, os quais, em um outro momento da história, não teriam acesso a tais discursividades. Com isso, “a televisão - como outros instrumentos da mídia - produz uma homogeneização de seus fins” (Orlandi, 2012, p. 179).

Desse modo, encaramos a materialidade produzida em uma TV não apenas como transmissão de informações, mas sim como discursos que produzem sentidos. Do ponto de vista da Análise de Discurso, doravante AD, o discurso televisivo com um novo olhar, o qual “não se pergunta sobre a técnica ou as intenções dos comunicadores, mas que questiona os efeitos de sentido e os seus modos de constituição na mídia” (Dela-Silva, 2011, p. 18).

A análise discursiva de uma TV tem suas especificidades, pois, de acordo com Orlandi (2012, p. 180):

Enquanto instrumento marcado pela produtividade - múltiplos meios e homogeneização dos fins - a Tevê é um lugar de interpretação extremamente eficaz. Porque anula a memória, a reduz a uma sucessão de fatos com sentidos (dados) quando, na realidade, o que se tem são fatos que reclamam sentidos. É este reclamar sentido que permitiria a historização, a inscrição do acontecimento na história. A Tevê produz acontecimento sem história. A Tevê produz repetição sem memória.

Nesse sentido, o discurso televisivo tenta produzir um sentido dado, pronto, porque, ao combinar imagens e sons, temos a impressão que aquele sentido é o único possível. Afinal, os sujeitos formulam em seu imaginário a concepção de que “uma imagem vale mais que mil palavras”, ditado popular que está inserido na formação imaginária nacional. Temos, assim, uma tentativa de homogeneização dos sentidos. No entanto, como sabemos, os fatos reclamam sentidos (Henry, 2003). Dessa maneira, um discurso sempre está sujeito a interpretação, a um sentido-outro, o qual não é evidente.

É interessante, também, a afirmação de Orlandi de que a televisão produz repetição sem memória. A memória aqui é compreendida como o “interdiscurso, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre o qual não temos controle” (Orlandi, 2012, p. 180). É aquilo que dizemos e que não nos lembramos de como foi dito ou por quem foi dito, mas está presente como “um já-dito sobre qual os sentidos se constroem” (Orlandi, 2012, p. 180). Explicando mais sobre o funcionamento do discurso televisivo e da memória, Orlandi sintetiza:

Resumiria esta questão dizendo que a Tevê trabalha para que a memória não trabalhe. Para que esteja sempre já lá um “conteúdo” bloqueando o percurso dos sentidos, seu movimento, sua historicidade, seus deslocamentos. Para que, quando titubeamos, à beira do sem-sentido, discursos disponíveis com os seus “conteúdos” já lá, nos estejam à mão (Orlandi, 2012, p. 181).

Assim, o discurso televisivo produz o efeito de sentido de algo já-lá, pronto, que está sempre à mão. É nesse sentido que o discurso televisivo trabalha para que a memória não trabalhe. Entretanto, esse é apenas um efeito imaginário, pois a memória (interdiscurso), ou seja, o já-dito, sempre está presente no eixo de formulação do discurso (intradiscurso). Como fechamento deste tópico, destacamos a seguinte citação:

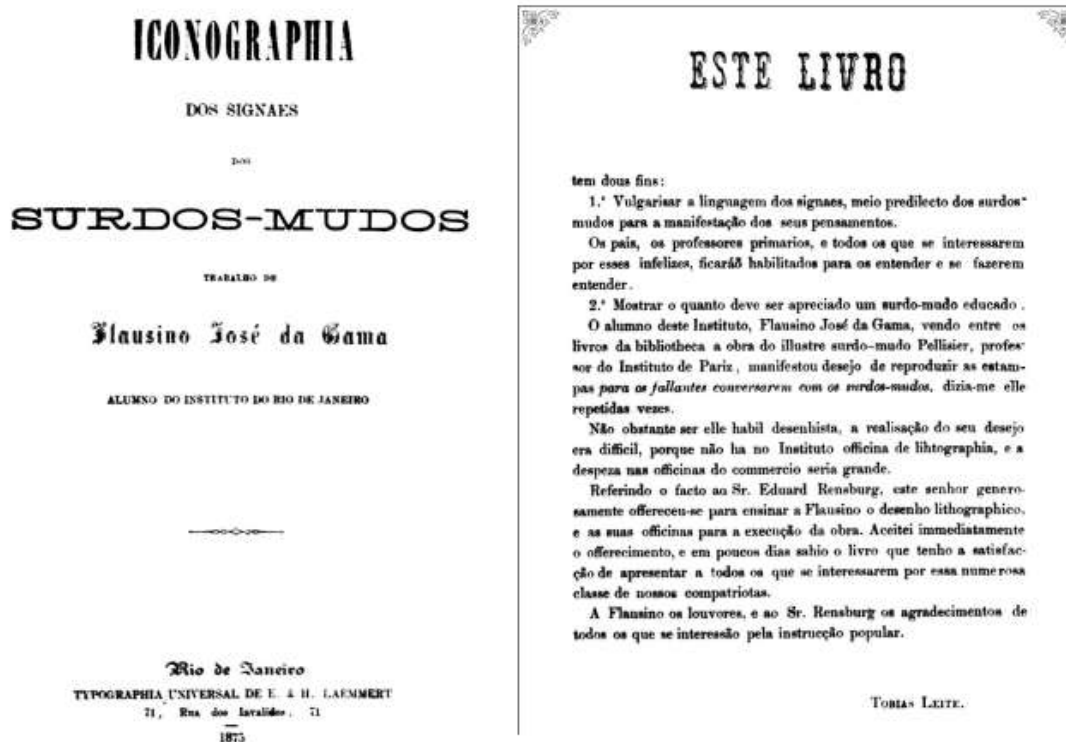
Podemos afirmar que na mídia e nas novas tecnologias de linguagem trata-se ainda e sempre da textualização (formulação), da constituição de uma autoria. São os seus modos que se deslocam. São os percursos significando na forma mesma em que irrompem os discursos. Prendendo-nos na rede (trama) das suas múltiplas versões (Orlandi, 2012, p. 183).

Portanto, o discurso televisivo, re(produzido) pela mídia por meio das tecnologias da comunicação, ao mesmo tempo que está preso a uma rede ou trama de significação, também possui o potencial para produzir deslocamentos dessa rede. No próximo tópico, discutimos sobre o modo como o sujeito surdo é significado nos discursos do século XIX.

Memória discursiva sobre sujeitos surdos

A memória discursiva pode ser compreendida como “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2009, p. 29). Um exemplo de documento que registra uma memória discursiva sobre a educação de surdos no Brasil foi elaborado pelo Dr. Tobias Leite, um dos primeiros diretores do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o qual se dedicou à publicação de materiais e livros sobre o ensino de surdos. Uma das suas primeiras publicações foi o livro intitulado “Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos”, publicado em 1875. Esse livro foi produzido por um ex-aluno do Instituto chamado Flausino José da Gama e que, nesta época, trabalhava como profissional repetidor. O Dr. Tobias Leite assina o prefácio desta publicação, apresentado a seguir:

Figura 1: Capa e prefácio do livro “Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos” publicado em 1875



Fonte: Rocha (2008, p. 42)

Falando sobre essa publicação, Mariani et al. (2021, p. 540) afirma:

No século XIX, no ano de 1875, Flausino José da Gama, ex-aluno do INES, autor surdo publicou o primeiro dicionário sobre Língua de Sinais no Brasil, sob o título “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”. Neste dicionário, há uma mistura de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Francesa (LSF), com registro de imagens e categorias dos tipos de sinais.

É dito em seu prefácio que esse livro tem “dous fins”, ou seja, dois objetivos, sendo o primeiro deles “vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para a manifestação dos pensamentos”. Desse modo, a língua de sinais já é colocada como preferência na comunicação pelos surdos desde o início da constituição discursiva que trata da educação de surdos no Brasil, pois a língua de sinais é significada como a “predilecta” para sujeitos surdos. No entanto, essa língua é silenciada devido à política linguística vigente na época.

Neste prefácio, ainda é possível observar como o sujeito surdo é significado nos discursos em circulação do século XIX. Observe que, no segundo parágrafo, a publicação é direcionada a “todos que se interessarem por esses infelizes”. Assim, os sujeitos surdos são significados como pessoas infelizes, já que não tiveram a “sorte” de nascerem ouvintes. A surdez é significada como um motivo para constituir um sujeito infeliz (Baalbaki; Anachoreta, 2021). Desse modo, a memória discursiva de um sujeito surdo inferior (infeliz) ao sujeito ouvinte (feliz) instala-se na formação discursiva nacional.

Café com pimenta: entrevistas com sujeitos surdos

Neste tópico, temos o objetivo de analisar discursivamente entrevistas realizadas com sujeitos surdos no programa da TV INES intitulado “Café com Pimenta”. Esse programa realiza entrevistas com pessoas ouvintes e surdas, sendo convidadas pessoas famosas no meio artístico e pessoas que se destacam na comunidade surda. O apresentador do programa, Nelson Pimenta, é surdo, e a entrevista é realizada em Libras. Quando o entrevistado não sabe Libras, a entrevista tem o apoio do intérprete. As entrevistas com surdos são diretamente em Libras com tradução para a Língua Portuguesa, por meio de legendas e locução. O programa está disponibilizado online e pode ser acessado a qualquer momento e em qualquer lugar, desde que o usuário tenha acesso à internet.

Para realizar a análise proposta aqui, compreendemos que, conforme Orlandi (2009, p. 63), “construímos, a partir do material bruto, um objeto discursivo em que analisamos o que é dito nesse discurso e o que é dito em outros, em outras condições, afetados por diferentes memórias discursivas”. A partir disso, buscamos encontrar nessas entrevistas com surdos o funcionamento de uma memória discursiva, ou seja, um já-dito em um outro momento. Cabe destacar que, para a Análise de Discurso, o método e a análise são processos indissociáveis, considerando que se trata de uma filiação teórico-metodológica. Logo, o

processo analítico é construído no próprio movimento de interpretação, no qual as formulações discursivas são analisadas em sua historicidade e em suas condições de produção (Orlandi, 2009). Em razão disso, não trazemos neste artigo tópicos separados para método e análise.

A escolha do *corpus* já é um gesto de interpretação do analista. Sobre essa escolha, Orlandi (2009, p. 61) aponta:

Assim, a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligados: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios da análise, e que permitam chegar à sua compreensão.

Além de escolher o *corpus* e estabelecer os critérios da análise, o analista de discurso tem como responsabilidade “a formulação da questão que desencadeia a análise” (Orlandi, 2009, p. 25). Para tanto, formulamos as seguintes questões que nortearão a análise deste objeto discursivo: Como o sujeito o surdo é significado nos discursos produzidos neste programa? Que imagens os sujeitos surdos fazem de si mesmos e de outros surdos? De que maneira esses discursos se relacionam com uma memória discursiva? Quais deslocamentos são possíveis?

Com o objetivo de atender a essas questões levantadas, fizemos um recorte no *corpus* analisado. Desse modo, utilizamos o conceito de recorte formulado por Orlandi (1984, p. 14), o qual nos diz que “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Para essa análise, foram selecionadas onze entrevistas realizadas com surdos do programa Café com Pimenta. Esses recortes foram retirados de entrevistas realizadas com surdos, pois, conforme as questões de análise já explicitadas, buscamos compreender as formações imaginárias de sujeitos surdos nos discursos da atualidade e relacioná-las com discursos que se instalaram na memória discursiva nacional, os quais significam os sujeitos surdos como incapazes, inferiores e infelizes. Em outras palavras, buscamos compreender o discurso dos surdos sobre os surdos, fato que justifica a seleção do *corpus* ser a partir de entrevistas realizadas com sujeitos surdos. Tendo em vista que “todo o discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na

memória” (Orlandi, 2009, p. 41), de que forma observamos a presença dessa memória discursiva ao analisarmos essas entrevistas com sujeitos surdos?

Em síntese, explicitamos que a seleção do corpus seguiu critérios discursivos definidos a partir das questões de pesquisa formuladas, considerando-se entrevistas que envolvessem exclusivamente sujeitos surdos no programa “Café com Pimenta”, de modo a permitir a observação das formações imaginárias produzidas por esses sujeitos sobre si mesmos e sobre a surdez. A escolha das nove entrevistas analisadas levou em conta sua disponibilidade integral em vídeo, a presença de trechos em que os entrevistados tematizam a própria experiência de ser surdo e a recorrência de enunciados que remetem a discursos historicamente estabilizados sobre a surdez. A construção das Sequências Discursivas (SDs) foi realizada por meio de um gesto de interpretação e leitura analítica das entrevistas, no qual selecionamos recortes que configuram unidades discursivas, articulando linguagem e situação enunciativa (Orlandi, 1984). Cada SD foi delimitada a partir da identificação de fragmentos que evidenciam movimentos de significação relacionados à memória discursiva sobre o sujeito surdo. Desse modo, os procedimentos teóricos-metodológicos, como a seleção do corpus, a delimitação dos recortes e a organização das SDs, foram orientados pela própria teoria da Análise de Discurso, na qual método e análise constituem um processo indissociável (Orlandi, 2009).

Portanto, interessa-nos para essa análise o conceito de memória discursiva, formulado por Pêcheux, que a define como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente (Pêcheux, 1995). Vale ressaltar que esta análise não tem como objetivo comprovar uma hipótese por meio da demonstração de dados. Ao contrário disso, buscamos nessas entrevistas recortes que reproduzem o discurso do século XIX sobre sujeitos surdos, a fim de analisar o funcionamento de uma memória discursiva. Logo, os recortes que fizemos, denominados SDs (Sequências Discursivas), não são a comprovação de uma hipótese, mas explicitam o funcionamento de uma memória discursiva. Os recortes foram organizados em um quadro com objetivo de apresentar de forma sistematizada os dados coletados, facilitando sua visualização e análise. Apresentamos, a seguir, os recortes das entrevistas realizadas com surdos no programa “Café com Pimenta”, o qual faz parte da programação da TV INES.

Quadro 1: Recortes do programa Café com Pimenta da TV INES

SD1: Entrevistado: O diretor gostou dos meus desenhos e disse: “**Não sabia que o surdo tinha essa capacidade!**”. Entrevistador: “**A sociedade** sempre pensa assim!”¹

SD2: Entrevistado: Eu descobri um filme chamado “Filhos do Silêncio”. Fiquei sabendo que a atriz que fez o filme ganhou um Oscar. Eu pensei: “**O surdo é capaz de ganhar um Oscar?**”²

SD3: Entrevistador: Você passou em um concurso público. Você disputou a vaga com ouvintes e era a única surda. Como foi isso? Entrevistada: Antigamente era muito difícil! Não tinham surdos formados e capacitados para o cargo. Não existia nenhuma lei e o concurso era voltado para os ouvintes. Mas eu tive a coragem de fazer a prova como igual, mesmo não tendo nenhuma adaptação. **Eu estudei bastante, e, por sorte, passei!**³

SD4: Entrevistador: Como você conseguiu ser aprovada? Entrevistada: Não foi fácil! Foi bem difícil! Eu passei no concurso, mas a dificuldade veio depois. Quando fui fazer a perícia médica para ingressar no cargo, me disseram: “**Você é surda! Será que você é capaz de ensinar? Como vai trabalhar no cargo de professora?**” Me mandaram fazer vários exames, como a audiometria, e exames neurológicos para **provar minha capacidade intelectual**. Fui muito discriminada! Parecia que **não acreditavam que o surdo era capaz**. Mesmo com os exames, **me disseram que eu nunca poderia ser uma professora por ser surda**.⁴

SD5: Entrevistado: Eu, surdo, educador, posso servir de modelo para crianças surdas. Elas me verão como exemplo. Até hoje vejo pessoas ouvintes dizerem: “**Ah, surdo?! Eles não conseguem** (expressão de desprezo)”⁵

SD6: Entrevistado: Eu falava com meu pai: “Quero aprender fotografia!” Meu pai me dizia: “**Tente! Você é capaz!**” Mas eu questioneei: “**Sou surda!**” (...) No começo, conseguir um trabalho foi muito difícil. Entrevistador: “Por que foi difícil?” Entrevistada: As empresas ligavam na minha casa e me procuravam para marcar uma entrevista, mas quando a funcionária que trabalhava em minha casa atendia e dizia: “**Ela é surda**”, as empresas desistiam. Entrevistador: “**Só porque você é surda?**”. Entrevistada: “**Sim, apenas por isso**”.⁶

SD7: Entrevistador: **Os passageiros sentem medo de voar com você?** Entrevistado: **Ficam preocupados**. Entrevistador: **Por ser surdo?** Entrevistado: **Sim!** Isso também acontece com motoristas de ônibus e de carros [surdos]. Eles sofrem pressão. Na aviação, por ser algo novo, vai ter pressão também. A pressão com esses motoristas era maior e diminuiu. Com a aviação será igual. **A sociedade é assim**.⁷

SD8: Entrevistado: No frio, o avião fica mais estável. A questão da densidade do ar faz com que o avião tenha mais estabilidade. No calor, essa densidade deixa o avião instável e, no frio, mais estável.

Entrevistador: Parabéns! Você conseguiu entender todas essas informações! **A sociedade enxerga que isso para o surdo é impossível**, não é mesmo? *Entrevistado:* **O surdo é inteligente e capaz!** ⁸

SD9: *Entrevistador:* Como você foi recebido no mundo da moda? Como você se sentiu? *Entrevistado:* Foi complicado! **A sociedade impõe muitas limitações. Falta flexibilidade**, fluidez na comunicação e **falta interação. As pessoas olham e pensam: “Um surdo modelo em um concurso de beleza, disputando com ouvintes?” A sociedade tem um pouco de preconceito e discriminação.** É sutil, mas perceptível. Continuo insistindo até hoje para poder quebrar isso. ⁹

SD10: *Entrevistador:* Você se lembra que sua mãe estava com medo [por você ser surdo e atleta]? E agora, ela continua com medo? *Entrevistado:* Não! Agora ela está tranquila. **Ela não sabia que o surdo era capaz** e ficava preocupada. ¹⁰

SD11: *Entrevistador:* Como você se sente em ser o primeiro [apresentador surdo do Brasil]? *Entrevistado:* Bom, eu sou pedagogo e já dava aula de Libras, mas na televisão é diferente. É outra coisa. Vai além de uma sala de aula. Quando estou em frente às câmeras, dando aula, me sinto um profissional de verdade, **igual os apresentadores ouvintes.** Dessa forma, **mostro que o surdo é capaz.** ¹¹

SD12: *Entrevistado:* Passei a frequentar e participar dos ensaios da Portela [escola de samba]. E todos se perguntavam como eu conseguia. Diziam: **“Caramba! Mas ele é surdo, como ele consegue?”.** ¹²

SD13: *Entrevistador:* Como surgiu a ideia de ser youtuber? *Entrevistado:* Quando eu tinha 16 ou 17 anos, tive a ideia de criar um canal no Youtube, mas eu não queria mostrar minha imagem, porque **eu tinha vergonha de ser surdo e usar a língua de sinais.** Isso porque eu morava em uma cidade do interior, bem pequena, no Sul da Bahia e não tinha contato com outros surdos. Não conhecia os movimentos de luta dos surdos. Eu era mais calado e na minha. Assim, **não queria me apresentar como surdo.** Meu contato era mais com ou ouvintes e falava com eles pela oralização [...]. **A sociedade ouvinte tem preconceito com os surdos e, por isso, não queria mostrar minha imagem [no Youtube].** ¹³

SD14: *Entrevistado:* **Tenho orgulho de ser surdo**, porque **sou surdo, mas sou capaz!** Alguns ouvintes me perguntam: “Como assim? Você é surdo e motociclista?” Eu respondo: “Sim, eu consigo! **Eu sou capaz!**” Tudo que o surdo quer fazer, ele consegue. A surdez não é um impedimento. Isso não tem nada a ver. **Somos capazes de tudo, igual o ouvinte!** Nosso maior problema é a acessibilidade. ¹⁴

Observamos, nessas sequências discursivas, a presença de uma memória que reproduz o discurso capacitista. A esse respeito, o conceito de capacitismo, de acordo com o Glossário de termos relacionados à acessibilidade e deficiência, é:

Ato de discriminação, preconceito ou opressão contra pessoa com deficiência. É barreira atitudinal. Em geral, ocorre quando alguém considera uma pessoa incapaz, por conta de diferenças e impedimentos corporais. O capacitismo está focalizado nas supostas 'capacidades das pessoas sem deficiência' como referência para mostrar as supostas 'limitações das pessoas com deficiência'. No capacitismo, a ênfase é colocada nas supostas 'pessoas capazes', as quais constituem a maioria da população e são supostamente consideradas 'normais' (Brasil, s.d.).

Assim, o capacitismo é uma forma de opressão contra pessoas com deficiência, pois são vistas como incapazes (Silva; Machado; Cardoso, 2025; Foresti *et al.*, 2024). Trata-se de uma forma de preconceito. Sobre isso, à luz da Análise de Discurso, como podemos compreender o preconceito? Respondendo a essa questão, Orlandi (2002, p. 197) defende:

Do ponto de vista do discurso, o preconceito é uma discursividade que circula sem sustentação em condições reais, e fortemente mantida por relações imaginárias atravessadas por um poder dizer que apaga (silencia) sentidos e razões da própria maneira de significar. Os sentidos não podem sempre ser os mesmos, por definição. Os mesmos fatos, coisas e seres têm sentidos diferentes de acordo com as suas condições de existência e de produção. No entanto, há um imaginário social que, na história, vai constituindo direções de existência para esses sentidos, hierarquizando-os, valorizando uns em detrimento de outros, homogeneizando-os de acordo com as relações de sentidos e, logo, as relações sociais. O preconceito é de natureza histórico-social, e se rege por relações de poder, simbolizadas. Ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si e sim nas relações sociais, pela maneira como se significam e são significadas. Não é um processo consciente, e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele. Vêm pela sua filiação a redes de sentidos que ele mesmo nem sabe como se formaram nele.

Desse modo, o preconceito é mantido por meio das formações imaginárias, ou seja, pela imagem que os sujeitos possuem sobre as pessoas com deficiência e que apagam sentidos. Embora seja algo que se manifeste individualmente, não tem origem no sujeito, mas é de natureza histórico-social. Nesse sentido, o preconceito está relacionado a outros discursos, isto é, a um já-dito que se constitui na forma de uma memória discursiva.

Ainda, segundo Orlandi, por meio da história, os sentidos seguem uma direção que tenta homogeneizar os sujeitos, como se houvesse um padrão que deve ser seguido. Aqueles que não se encaixam nesse padrão, como os sujeitos surdos, são representados de forma negativa. Falando um pouco mais sobre o preconceito, Orlandi (2002, p. 198) destaca:

É uma forma de censura para impedir o movimento, a respiração dos sentidos e dos sujeitos e, conseqüentemente, de barrar novas formas sociais e históricas na experiência humana. É necessário, a meu ver, abrirem-se novos espaços de experiência de significação para que haja deslocamentos, percursos de sentidos não experimentados, ainda irrealizados.

A partir disso, o preconceito pode ser compreendido, discursivamente, como uma forma de censura, pois tenta impedir novas formas sociais e históricas da experiência humana. Nessa concepção preconceituosa, ser surdo é significado como uma falta que torna o sujeito incapaz e não como sujeitos que possuem uma experiência humana diferente, ou seja, uma experiência visual. No entanto, é necessária a abertura de novos espaços de experiência de significação, produzindo deslocamentos na forma em que o sujeito surdo é significado pela sociedade, ou seja, deslocar a imagem de um sujeito incapaz para a imagem de um sujeito que tem uma experiência humana diferente, a qual não o incapacita e nem o torna inferior àqueles que ouvem.

Nessa perspectiva, Orlandi (2002, p. 198) ressalta sobre o preconceito:

Relativamente ao preconceito, considero que somos discriminados toda vez que, como sujeitos, somos impedidos de significar e de circular por diferentes processos de significação, diferentes modos de significar e de nos significarmos. O preconceito é uma questão de ordem ética da significação.

Assim, podemos compreender como uma forma de discriminação quando o sujeito surdo é significado como incapaz, pois são impedidos de serem significados de outra forma. Todavia, sabemos que o sujeito não é a origem do seu dizer e não tem controle sobre isso, embora tenha a ilusão de que tenha esse controle (Orlandi, 2009). Por isso, os discursos que significam os surdos como inferiores e incapazes estão relacionados a uma rede discursiva que (re) produz tais discursos, ou, em outras palavras, a uma filiação a uma rede discursiva.

Sobre isso, foi instalada na memória discursiva nacional a imagem de um sujeito surdo incapaz, infeliz e inferior. Compreendemos aqui formações imaginárias como “a imagem que eles [os sujeitos] fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1993, p. 82). Desse modo, observamos nas sequências discursivas aqui apresentadas que até mesmo sujeitos surdos reproduzem o discurso preconceituoso e capacitista, pois também são interpelados pela ideologia. Assim, esses sujeitos também estão imersos nos dizeres que significam a surdez. Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 30) afirma que “as palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa ‘nossas’

palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”.

Todos esses discursos destacados em negrito no quadro, (re)produzidos por sujeitos surdos, explicitam o funcionamento de memória discursiva: a imagem de que o sujeito surdo é incapaz. Tal imaginário foi constituído na memória discursiva nacional, por meio dos discursos que fundaram a educação de surdos no Brasil. Desse modo, nos discursos atuais observamos o funcionamento do interdiscurso, compreendido como "todo o conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos" (Orlandi, 2009, p. 31), o qual ainda significa o sujeito surdo de uma forma negativa.

Além disso, observamos uma memória discursiva que significa o sujeito ouvinte como um modelo/padrão a ser seguido pelo sujeito surdo. Essa situação está materializada nas sequências discursivas SD11 e SD14, nas quais os entrevistados usam a expressão "igual o ouvinte". Assim, notamos que um padrão dominante é imposto para os surdos, os quais tentam alcançar/imitar tal modelo. Logo, temos como efeito de sentido que os surdos são inferiores aos ouvintes, e esses devem se esforçar para, na melhor das hipóteses, ser um simulacro do modelo de ser humano "perfeito/completo" já constituído no imaginário social.

Outro ponto que destacamos nesta análise é o fato do sujeito surdo precisar provar as suas capacidades. Depreendemos isso ao analisar a SD4 em que é dito que uma professora foi submetida a exames médicos para provar sua capacidade intelectual. Também, na SD12, o sujeito surdo diz que, pelo resultado de seu trabalho, ele mostra que o surdo é capaz. A partir disso, nota-se que a incapacidade dos sujeitos surdos é naturalizada, como se a regra fosse essa e que, para escapar desse estereótipo, o surdo necessitasse provar a sua capacidade. O efeito de sentido produzido é que o sujeito surdo é incapaz até que se prove o contrário.

Em consonância a isso, na SD7, encontramos o relato de um surdo que tem suas habilidades como piloto de avião questionadas devido à surdez. É dito que as pessoas têm medo de voar com ele pelo fato de ser surdo. Dessa forma, observamos o funcionamento do discurso capacitista que desacredita as capacidades do sujeito surdo, pois acredita-se que essa é uma condição incapacitante. A tarefa de pilotar um avião é compreendida como complexa demais para que o sujeito surdo a realize. Assim, notamos uma atitude de descrédito sobre esses sujeitos, conforme denunciado por Oliver (1996, p. 44):

Todas as pessoas com deficiência experimentam múltiplas maneiras de restrições sociais, seja devido à inacessibilidade de alguns ambientes ou de noções questionáveis de inteligência e competência social, da inability de a população em geral se comunicar mediante uma linguagem [língua] gestual ou pelo uso do Braille, ou ainda pelas atitudes de descrédito e preconceito desferidas contra as pessoas com deficiência.

É interessante, também, analisarmos a projeção que é posta na posição ocupada pela TV INES e pela posição ocupada por seu telespectador. Nesse sentido, Pêcheux (1993, p. 82) diz que os discursos são atravessados por formações imaginárias, as quais são produzidas pela a imagem que se tem de A e B, sendo que “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Falando sobre isso, Baalbaki (2010, p. 27) ressalta:

No processo discursivo, as formações imaginárias funcionam por meio de certos fatores, que são: o mecanismo de antecipação, as relações de força e de sentido; todos eles imbricados. Na antecipação, o sujeito projeta uma representação imaginária do outro e, a partir dela, direciona as posições no discurso.

Dessa forma, temos, nos discursos, uma antecipação que é formulada a partir desse jogo de imagens. Nessa concepção teórica, a TV INES (na posição de A) possui uma imagem do seu telespectador (na posição de B), e essa produz os seus dizeres a partir dessa antecipação. Nas palavras de Pêcheux (1993, p. 83), temos aqui a “imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A”. Observamos esse funcionamento quando, nas SD6, SD8, SD10, SD11 e SD14, é preciso reafirmar a capacidade dos sujeitos surdos, o qual é telespectador desta TV. Assim, a programação da TV INES, nestas sequências discursivas, necessita reafirmar, diversas vezes, o discurso de que o surdo é capaz, antecipando que esse sujeito telespectador (surdo) significa a si mesmo como incapaz, já que essa TV projeta uma representação imaginária do seu telespectador e, a partir disso, direciona os seus dizeres.

Ainda, na SD14, observamos o recorte “sou surdo, mas sou capaz”, produzindo o efeito de sentido de que a incapacidade é algo inerente aos sujeitos surdos. Temos aqui uma oração coordenada adversativa, composta pelo uso da conjunção “mas” que produz o sentido de oposição. A partir dessa construção, seria possível o deslizamento para a seguinte paráfrase: “O surdo é incapaz, mas eu sou capaz”. Desse modo, mais uma vez, notamos o funcionamento do discurso capacitista que reproduz uma memória discursiva que significa os sujeitos surdos como incapazes.

Entretanto, observamos, também, deslocamentos do discurso que significa o surdo como incapaz ou infeliz, pois “ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele

pode ser um deslocamento nessa rede" (Orlandi, 2009, p. 52). Por exemplo, na SD14 é possível dizer: "Tenho orgulho de ser surdo!" Em outros momentos da história, não seria permitido dizer isso, pois as formações discursivas da época não permitiriam. Compreendemos aqui formação discursiva "como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito" (Orlandi, 2009, p. 41). Ainda hoje, tal discurso "choca" sujeitos que estão filiados às discursividades excludentes. Sobre esse ponto, McCleary (2003, p. 2-3) discute:

Agora, diga para um ouvinte, "Eu tenho orgulho de ser surdo!" O ouvinte vai ficar chocado. Ele vai ficar confuso. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte sempre acreditou no seu coração que a surdez é uma falta. É uma deficiência. Como é possível ter orgulho de uma deficiência? As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que não tem, uma falta, uma deficiência. Então quando o surdo diz, "Eu tenho orgulho de ser surdo", ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um "coitado", porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho de o surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo.

A teoria da Análise de Discurso nos ajuda a compreender esse "choque". Tal fato ocorre devido às filiações em formações discursivas distintas, as quais significam ser surdo de formas diferentes. Dessa forma, quando o sujeito diz "tenho orgulho de ser surdo", observamos uma forma de resistência a um discurso dominante que significa o surdo pela falta. Nesse sentido, segundo Orlandi (2007a, p. 17), "pessoas em dificuldade são definidas por uma falta, que se torna o elemento principal de sua identidade social". No entanto, notamos um deslocamento do discurso que significa o sujeito surdo como infeliz, incapaz e inferior ao ouvinte. Trata-se de uma ruptura para que o surdo seja significado de outras formas, sendo, inclusive, a surdez um motivo para sentir orgulho: orgulho da língua de sinais, das suas manifestações culturais e da sua experiência visual. A partir desse deslocamento, a surdez não é significada como uma condição para a infelicidade/vergonha, mas sim como um motivo de felicidade/orgulho.

À luz da Análise de Discurso, compreendemos esses modos de significação diferentes como filiações a formações discursivas diferentes, porque "as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra" (Pêcheux, 1995, p. 161). Assim como a palavra "terra" pode ter um significado diferente para

um índio e para um latifundiário (devido ao fato de possuírem formações discursivas diferentes), a expressão "ser surdo" também é significada de maneiras diferentes (Orlandi, 2007b). Desse modo, embora para alguns sujeitos a surdez é significada como um motivo para felicidade/orgulho, para outros sujeitos a surdez é significada como infelicidade/vergonha.

Além disso, a análise discursiva desse corpus nos permite dizer que o conceito de falta é deslocado. Na formação discursiva dominante, "o deficiente não funciona como o esperado. É aquilo que aparece ou deixa de aparecer em relação a uma norma que faz dele deficiente" (Chiaretti; Costa, 2016, p. 90). Ainda, segundo as mesmas autoras, "espera-se algo de um deficiente, espera-se que algo não se realize ali, não se cumpra" (idem, p. 96). Dessa maneira, o sujeito surdo é constituído, nessa discursividade, pela falta, isto é, a falta da audição. Esse sujeito foge da norma estabelecida e, por isso, espera-se dele que algo não se cumpra ou não se realize. Assim, seu corpo não funciona como a sociedade espera, pois é constituído pela falta. Todavia na SD9 é discursivizado que a falta não está no sujeito surdo, mas sim na sociedade. Nesse recorte, é dito que "falta flexibilidade, [falta] fluidez na comunicação e falta interação". Logo, temos como deslocamento de sentido que a falta ou a deficiência não está no sujeito surdo, mas na sociedade, pois esta falha ao não promover a acessibilidade para esses sujeitos. Dito de outra forma, a falta ou a deficiência é transferida para a sociedade e não mais para o sujeito.

Tais deslocamentos são resultantes do movimento de resistência dos sujeitos surdos. Tratando sobre isso, Pêcheux (1990, p. 17) cita alguns exemplos de resistência:

Não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras.

Portanto, podemos afirmar que os sujeitos surdos resistiram, pois não "escutaram" as ordens que tentaram silenciá-los, proibindo o uso da língua de sinais. A expressão "ser surdo" também teve seu significado alterado ou deslocado, deixando de ser associada a sujeitos infelizes, incapazes ou inferiores, para ser compreendida como uma condição de indivíduos orgulhosos de sua língua e de sua experiência humana visual. Esse movimento de resistência é um reflexo das lutas da comunidade surda, pois, como afirma Pêcheux (1990, p. 53), "todo enunciado é intrinsecamente de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar de seu sentido para derivar para outro". Afinal, "não há dominação sem resistência: primeiro

prático da luta de classe, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (Pêcheux, 1995, p. 304).

Considerações finais

A surdez, por muito tempo, é significada como algo incapacitante, tornando o sujeito “infeliz”, partindo do pressuposto de que o surdo não se adequa ao ideal de um ser humano perfeito, devido à ausência de um sentido: a audição. Através desses discursos fundadores, a representação do sujeito surdo como incapaz e inferior aos ouvintes consolida-se no imaginário discursivo nacional.

Tais discursos marcam uma memória discursiva sobre os sujeitos surdos que ainda circulam na atualidade (Coimbra; Fragoso, 2024). Esse fato pode ser visto nas entrevistas realizadas com surdos no programa Café com Pimenta da TV INES, já que é (re)produzido o sentido de um sujeito surdo incapaz e infeliz. Entretanto, outros sentidos são produzidos, demonstrando um deslocamento de sentidos sobre a surdez, tendo em vista que os sentidos são reproduzidos, mas também há espaço para deslocamentos (Orlandi, 2009). Logo, existe a possibilidade de ruptura nesses processos de significação, o que implica que a forma como os sujeitos surdos são representados ao longo da história pode ser constantemente resignificada.

Portanto, o movimento de resistência de sujeitos surdos promove um deslocamento do significado de "ser surdo". Em vez de serem vistos como indivíduos incapazes e infelizes, esses sujeitos passam a ser reconhecidos como pessoas que se orgulham de sua língua, de sua identidade cultural e de suas experiências visuais. Assim, a expressão "Tenho orgulho de ser surdo!" passa a fazer sentido e a produzir novos sentidos.

Referências

BAALBAKI, Ângela Corrêa Ferreira; ANACHORETA, Vanessa Gomes Teixeira. Em nome da (in)felicidade: como saberes da língua portuguesa comparecem em materiais didáticos para surdos na década de 1950. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 24, n. 47, p. 91–120, 2021.

BAALBAKI, Ângela Corrêa Ferreira. A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2010.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Glossário de acessibilidade**. [s.d.]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/glossario.html>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 7 jul. 2015.

CHIARETTI, Paula; COSTA; Greciely, Cristina da. A produção discursiva do sujeito com Síndrome de Down e suas incidências no corpo: “O deficiente não funciona como o esperado”. In: BARROS, Renata Bianchi de; CAVALLARI, Juliana Santana (orgs.). **Sociedade e diversidade - Vol. 2**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 85-96.

COIMBRA, Matheus Batista Barboza; FRAGOSO, Élcio Aloisio. Língua de sinais e resistência de sujeitos surdos: análise discursiva de uma piada em Libras da TV INES. **Revista Educação e Emancipação**, v. 17, n. 1, p. 228–245, 2024. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21712> . Acesso em: 04 abr. 2025.

DELA-SILVA, Silmara. A televisão no Brasil: um olhar discursivo. **Fragmentum** (UFSM), v. 30, p. 15-26, 2011.

FORESTI, Taimara et al. O conceito de capacitismo em artigos nacionais: um estudo teórico. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 24, p. 1-10, 2024 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2024000100701&lng=pt&nrm=iso . Acesso: em 04 abr. 2025.

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 29-55, 2003.

INES - INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Café com Pimenta. Rio de Janeiro, RJ: Departamento de Educação Básica – DEBASI, Instituto Nacional de Educação de Surdos, [s.d.]. Disponível em: <https://debasi.ines.gov.br/tv-ines/caf%C3%A9-com-pimenta> . Acesso em: 22 mar. 2022.

MARIANI, Bethania et al. Entre-línguas brasileiras: Libras na política de divulgação do conhecimento. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 3, p. 530-553, jul.-set. 2021.

MCCLEARY, Leland. **O orgulho de ser surdo**. In: encontro paulista entre intérpretes e surdos, 1, (17 de maio de 2003), São Paulo: FENEIS-SP [Local: Faculdade Sant'Anna], 2003.

OLIVER, Michael. **Understanding disability**: from theory to practice. Basingstoke: MacMillan, 1996.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? Linguística: questões e controvérsias. **Série Estudos 10**. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de

Uberaba, p. 9 -26, 1984.

ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo, Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda, LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Análise de discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007a. p. 13- 28.

ORLANDI, Eni. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. **ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, Campinas, n. 89, jul. 2007. Disponível em: <https://comciencia.br/dossies-73-184/web/handler2f25.html?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 2 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. Os sentidos de uma Estátua: Fernão Dias, individuação e identidade Pousoalegrense. In: **Discurso, espaço, memória** – caminhos da identidade no Sul de Minas. ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.): Campinas, Editora RG, 2011. p. 13-34.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto** – Formulação e Circulação dos Sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. Trad. De Bethania Mariani et al. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a educação do surdo no Brasil**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SILVA, Marco Antônio Gomes Teixeira; MACHADO, Mariana Mattos Manhães; CARDOSO, Sergio Luís. Reflexões sobre o conceito de capacitismo no ambiente acadêmico. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 26, n. 1, p. 179-197, 2025.

Notas

¹ Entrevista disponível em <https://youtu.be/wZv31PgfmJA>. Acesso em: 22 mar. 2022.

² Entrevista disponível em <https://youtu.be/-YBF59FcZ6I>. Acesso em: 22 mar. 2022.

³ Entrevista disponível em <https://youtu.be/tzCyyCZEtSQ>. Acesso em: 22 mar. 2022.

⁴ Entrevista disponível em <https://youtu.be/tzCyyCZEtSQ>. Acesso em: 22 mar. 2022.

⁵ Entrevista disponível em <https://youtu.be/t6nTloJhdxM> . Acesso em: 01 abr. 2022.

⁶Entrevista disponível em https://youtu.be/JCF_pOzP3nM?list=PL18ybxrEghTsvqcVuUK8FgLrtQ5LqnZNE . Acesso em: 01 abr. 2022.

⁷ Entrevista disponível em <https://youtu.be/5yqEEeV-pes> . Acesso em 06 abr. 2022.

⁸ Entrevista disponível em <https://youtu.be/5yqEEeV-pes> . Acesso em 06 abr. 2022.

⁹ Entrevista disponível em https://youtu.be/l2eH5fOWR_g. Acesso em: 07 abr. 2022.

¹⁰ Entrevista disponível em https://youtu.be/HUMUJ8_saoo . Acesso em: 07 abr. 2022.

¹¹ Entrevista disponível em <https://youtu.be/p57RdR4CTBo> . Acesso em: 10 abr. 2022.

¹² Entrevista disponível em <https://youtu.be/p57RdR4CTBo> . Acesso em: 10 abr. 2022.

¹³ Entrevista disponível em <https://youtu.be/UKwN43Zl9DY> . Acesso em: 10 abr. 2022.

¹⁴ Entrevista disponível em <https://youtu.be/k8pi1pcXDDg>. Acesso em: 06 abr. 2022.

Sobre os autores

Matheus Batista Barboza Coimbra

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professor efetivo do IFSULDEMINAS - Campus Poços de Caldas.

E-mail: matheus.coimbra@ifsuldeminas.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7889-2518>

Élcio Aloisio Fragoso

Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio de Pós-doutorado, em História das Ideias Linguísticas/Análise de Discurso, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor Adjunto pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Campus de Porto Velho. É docente do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGML) da UNIR.

E-mail: elciofragoso@unir.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6807-7851>

Lara Ferreira dos Santos

Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Adjunta no Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail: lfscantos@ufscar.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3196-9346>

Recebido em: 10/04/2025

Aceito para publicação em: 10/11/2025